

Ai que saudade!

CORREIO BRAZILENSE

23 OUT 1990

ARNALDO NISKIER

Dentre as características mais nítidas do povo brasileiro está a emotividade. Em ocasiões notáveis ou através de manifestações do cotidiano é sempre possível perceber a grande carga de emoção que carregamos, como parte da nossa própria personalidade.

Quem não se recorda das lágrimas vertidas quando perdemos a Copa do Mundo de 1950 em nossa própria casa? E os enterros dos nossos grandes mitos, como Getúlio, JK, Carmem Miranda, Francisco Alves e Elis Regina, para só citar alguns? Não bastou o comparecimento, houve muitos desmaios.

Na linha da saudade, que é um nobre sentimento muito nosso, a educação vive um tempo de nostalgia. Você lembra como a escola era risonha e franca? Os professores antigamente conheciam os alunos pelo nome... E as escolas normais, de tão extraordinária tradição, por que acabaram? Até hoje não entendi a razão de ter diminuído o número das nossas escolas técnicas... Os exames orais para se entrar na Universidade não eram muito mais efetivos do que os testes de múltipla escolha? Antigamente, al-

fabetizava-se com mais facilidade, com a metodologia da "vovó viu a uva". Ou não é verdade? O que o professor ganhava permitia até uma pequena economia...

Ai que saudade!

O suspiro, seguido da expressão, acompanha nossas viagens pelo interior do estado do Rio de Janeiro, como ocorreu em Campos e Itaperuna. Recorda-se um tempo mais distante, antes da Lei 5.692/71, e um outro mais próximo, há cerca de dez anos, quando muitas iniciativas na rede pública estimularam o quadro do magistério a exercer com entusiasmo a sua missão. Cadê os cadernos pedagógicos do Laboratório de Currículos? Onde estão os filmes do Centro de Tecnologias Educacionais? Por que acabaram com o Festival de Teatro Amador? E o Festival de Música Popular Brasileira? Não se faz mais a Olimpíada Escolar? Onde foi parar o ARE (Alimentação e Recreação Estudantil)? Acabaram as Feiras Estudantis de Ciências? E a campanha "um rádio e uma televisão em cada escola"?

Tudo isso naturalmente era lastreado na melhor remuneração do magistério, que chegou a ganhar aumentos de até mil por cento para corrigir

defasagens históricas. Lembro de uma expressão do governador Chagas Freitas: "Meu filho, vamos dar o máximo ao magistério. Qual de nós não deve a vida aos professores?"

O tempo não anda pra trás. Só em máquinas de ficção científica. O nosso compromisso é com o futuro, mas não custa recordar fatos de relevo da nossa histórica pedagógica, para que sejamos compelidos a formular um modelo educacional que não despreze experiências de êxito. A tentativa de sermos originais, num tempo de inevitável massificação, não fez mais do que embaralhar a educação, com tantas linhas de ação divergentes que o resultado é praticamente nulo. Não se sai do lugar, com tantas e tão descabidas pressões.

A saudade é grande, sobretudo por parte dos professores de maior vivência, que trabalharam num tempo de maior serenidade, mas com menos recursos do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico. A habilidade está em compatibilizar tudo isso, em benefício de uma educação melhor e mais farta.

■ Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras e do Conselho Federal de Educação